

Índice

Nota Histórica	9
Um lugar ermo e solitário	13
As infelizes circunstâncias da concepção de Lucrezia	16
O primeiro tigre na Toscana	24
Veado cozinhado em vinho	50
Sete galés carregadas de ouro	61
O final da refeição	65
Tudo muda	69
O verdadeiro propósito desta viagem	88
Algo lido nas páginas de um livro	90
Algures na escuridão	104
A duquesa Lucrezia no dia do seu casamento	107
Terra queimada	123
Homem adormecido, governante em repouso	128
Um meandro curvo do rio	179
Água de mel	185
De cabeça bem erguida	240
Irmãs de Alfonso II, vistas à distância	242
O retrato de casamento de Lucrezia, duquesa de Ferrara	309
Uma presença maligna e predatória	318
A pintura superficial e a pintura encoberta	343
Nota da Autora	359
Agradecimentos	363

Nota Histórica

Em 1560, com quinze anos, Lucrezia di Cosimo de' Medici deixou Florença para iniciar a sua vida de casada com Alfonso II d'Este, duque de Ferrara.

Menos de um ano depois estaria morta.

A causa oficial de morte foi “febre pútrida”, mas houve rumores de que teria sido assassinada pelo marido.

*Aquela é a minha última Duquesa pintada na parede,
Parece mesmo que está viva.*

Robert Browning,
“A Minha Última Duquesa”¹

[...] Além disso não são elas constantemente refreadas pela vontade, fantasia e ordens de pais ou mães, de irmãos ou maridos? Reclusas, a maior parte das vezes, no círculo estreito dos seus quartos, ociosas, sentadas, passando numa hora por todas as alternativas da vontade, meditam, deixando-se absorver pelos mais diversos pensamentos [...].

Giovanni Boccaccio,
*Decâmeron*²

1 Robert Browning, *Monólogos Dramáticos*, tradução de João Almeida Flor, Lisboa: A Regra do Jogo, 1980, p. 25. (N. T.)

2 Giovanni Boccaccio, *Decâmeron*, vol. 1, tradução de Joaquim de Macedo, Porto: Edições Sousa e Almeida, 1964, p. 9. (N. T.)

Um lugar ermo e solitário

Fortezza, perto de Bondeno, 1561

Lucrezia ocupa o seu lugar na longa mesa de jantar, que poliram até ganhar um ténue brilho, dispendo sobre ela pratos, cálices virados ao contrário, uma coroa de abeto entrelaçado. O marido está sentado, não na cadeira habitual, no extremo oposto, mas ao lado dela, tão perto que Lucrezia poderia deitar-lhe a cabeça no ombro, caso o desejasse; ele está a desdobrar o guardanapo, a endireitar a faca e a aproximar de ambos a vela, quando ela se apercebe com particular clareza, como se um vidro colorido lhe tivesse sido colocado à frente dos olhos, ou então removido, de que ele tenciona matá-la.

Lucrezia tem dezasseis anos, está casada há menos de um ano. Passaram a maior parte do dia a viajar, aproveitando a pouca luz que a estação oferece, deixando Ferrara de madrugada e cavalgando até ao que ele lhe dissera ser uma cabana de caça, no interior noroeste da província.

Mas aquilo não era uma cabana de caça, quis Lucrezia dizer-lhe quando chegaram ao destino: um edifício de pedra escura, com muros altos, encaixado entre uma densa floresta e um sinuoso meandro do rio Pó. Gostaria de se ter voltado na sua sela e perguntado: Porque é me trouxeste aqui?

Não disse nada, contudo, permitindo que a sua égua o seguisse, por entre as árvores gotejantes e sobre a ponte em arco, até ao pátio

do estranho edifício fortificado em forma de estrela, que lhe pareceu, já então, particularmente desprovido de pessoas.

Os cavalos foram entretanto levados, ela tirou a capa e o chapéu encharcados, e ele, imóvel de costas para o fogo na braseira, viu-a fazer isso e está agora a acenar aos empregados locais, a postos entre as sombras do salão, para que avancem e ponham comida nos pratos, fatiem o pão, deem vinho nos cálices; e ela lembra-se subitamente das palavras da cunhada, pronunciadas num rouco murmúrio: Vais ser culpada.

Os dedos de Lucrezia apertam a borda do prato. A certeza de que ele pretende que ela morra é como uma presença ao lado dela, como se uma ave de rapina com a plumagem negra lhe tivesse pousado no braço da cadeira.

É essa a razão para a súbita viagem deles até um lugar tão ermo e solitário. Ele trouxe-a até ali, até àquela fortaleza de pedra, para a matar.

O assombro arrebatava-a para fora do próprio corpo e ela quase se ri; está a pairar junto ao teto abobadado, olhando para si e para ele lá em baixo, os dois sentados à mesa, levando caldo e pão salgado à boca. Observa o modo como ele se inclina para ela, pousando-lhe os dedos na pele nua do pulso enquanto comenta qualquer coisa; vê-se a si mesma a anuir com a cabeça ao que ele diz, enquanto engole a comida e troca algumas palavras sobre a viagem e sobre a interessante paisagem pela qual passaram, como se não houvesse nada de errado entre eles, como se fosse um jantar normal, após o qual se retirariam para os respetivos leitos.

Na verdade, pensa ela, ainda junto à fria e húmida pedra do teto do salão, o trajeto da corte até ali havia sido entediante, atravessando campos áridos e gelados, sob um céu tão pesado que parecia prestes a cair, exausto, sobre as árvores despidas. O marido impusera-lhe um trote contido, quilómetro após quilómetro aos saltos na sela, com as costas doridas e as pernas esfoladas pelas meias molhadas. Mesmo dentro das luvas forradas a pele de esquilo, os seus dedos, que seguravam as rédeas, estavam rígidos do frio, e a crina do cavalo não demorou a ficar gelada. O marido ia à frente, seguido por dois guardas. Quando a cidade começou a dar lugar ao campo, Lucrezia sentiu vontade de esporear o cavalo, de lhe cravar os calcanhares no

flanco e sentir os cascos a voar sobre as pedras e a terra, de percorrer velozmente a paisagem uniforme do vale, mas sabia que não devia fazê-lo, que o seu lugar era atrás ou ao lado dele, se convidada, nunca à frente, por isso continuaram sempre a trote.

À mesa, perante o homem que ela acredita agora que a vai matar, gostaria de o ter feito, de ter incitado a égua a galopar. Gostaria de ter passado disparada à frente dele, rindo-se com uma alegria transgressora, o cabelo e a capa sacudidos na sua esteira, os cascos levantando lama. Gostaria de ter cavalgado até aos montes distantes, onde se poderia ter perdido entre dobras e picos rochosos, para que ele nunca a encontrasse.

Ele pousa um cotovelo de cada lado do prato, contando-lhe como vinha para esta cabana — insiste em chamar-lhe assim — quando era pequeno, como o pai costumava trazê-lo para caçarem. Ela ouve a história de como ele tinha sido obrigado a atirar seta após seta a um alvo numa árvore, até os dedos começarem a sangrar. Vai anuindo com a cabeça, murmurando compassivamente nos momentos certos, mas o que deseja mesmo é olhá-lo nos olhos e dizer: Sei o que pretendes fazer.

Será que ele ficaria espantado, desconfortável? Será que ainda pensa nela como a sua inocente e pura esposa, acabada de sair da infância? Lucrezia vê tudo. Vê que ele preparou o seu plano com muito cuidado e atenção, afastando-a das outras pessoas, assegurando-se de que a comitiva dela ficaria em Ferrara, de que ela estaria sozinha, de que não houvesse ali pessoas do *castello*, apenas ele e ela, dois guardas de sentinela lá fora e um punhado de criados locais para os servirem.

Como é que ele o vai fazer? Uma parte dela gostaria de lhe perguntar isso. Uma faca num corredor escuro? As suas mãos à volta do pescoço dela? Uma queda de cavalo que parecesse um acidente? Não tem nenhuma dúvida de que tudo isto encaixaria no repertório dele. Convém que seja bem feito, seria o seu conselho para ele, pois o pai de Lucrezia não é alguém que vá aceitar de ânimo leve o assassinato da filha.

Pousa o cálice; levanta o queixo; vira os olhos para o marido, Alfonso, duque de Ferrara, e pergunta a si mesma o que acontecerá a seguir.